

POESIAS

de

8

Teófilo Carneiro

2

409943

~~L.
4099/4²~~

TEÓFILO CARNEIRO

1891 — 1949

POESIAS

de

Teófilo Carneiro



(1) Data transcrita e legível quadro anexado por António A. Miranda (atualmente João de Brito) e aprovada pelo Director do Colégio em 1916 nos termos de 6. João, 6. Pedro e Rainha Euzébia nos festejos promovidos pela Associação Comercial.

— Outros poemas sobre o Marquês,
Jordanão e o seu filho almirante,
sobre os seus dias, sua cega
fuga de Lisboa outras poesias.

7
FS908

B. N. L.
DEPOSITO LEGAL
198329 *29.XI.52



de

Têtilo Carneiro

TEÓFILO CARNEIRO

1891 — 1949



Teófilo Maciel Pais Carneiro nasceu em Ponte do Lima, na casa n.º 17 da Rua de Vasco da Gama aos 24 de Março de 1891, de D. Guiomar Marques Pereira Viana, de S. João da Ribeira e João Luís Gonçalves Carneiro, de Moreira de Monção, comerciante de fazendas.

Feito o exame de Instrução Primária no Liceu de Viana, iniciou os estudos secundários no Seminário Liceu de Guimarães, vindo a concluí-los, na secção de letras, no Liceu de Braga, de cuja Academia foi então presidente, bem como da Liga Académica Republicana, ali criada.

Em Outubro de 1911 iniciou em Coimbra o curso de Direito em que veio a formar-se e para cuja récita de despedida escreveu a balada, a que deu o nome de Saúde ().*

(*) Dela transcrevemos a seguinte quadra musicada por António A. Miranda (actualmente Juiz da Relação) e aproveitada pelo Rancho de Coimbra em 1916 nas noites de S. João, S. Pedro e Rainha Santa nos festivais promovidos pela Associação Comercial :

*« Lindos poentes sobre o Mondego,
bordando a oiro telas dolentes,
vendo-os um dia, fica-se cego
para se verem outros poentes ».*

Tendo surgido no decorrer do seu curso um sério conflito entre os alunos da extinta Escola Normal Superior e um illustre Professor da mesma, em que toda a Academia se viu envolvida, foi Teófilo Carneiro quem, na presidência da Comissão encarregada de solucionar a questão, conseguiu uma honrosa plataforma para sanar o incidente grevista sem que os estudantes perdessem o ano.

Formado, abriu banca no rés do chão da casa n.º 7 da Rua Boaventura José Vieira, nesta vila. Nomeado professor da Escola Primária Superior de António Feijó, veio a casar-se com a sua colega naquela Escola, Snr.ª D. Carolina Adelaide Araújo Almeida.

Fundou e dirigiu, com o seu saudoso e alto colaborador, Dr. Adelino Ribeiro Sampaio, o jornal republicano «Democracia do Lima».

Foi presidente da Comissão Executiva e da Deliberativa da nossa Câmara e Deputado da Nação em duas legislaturas.

Faleceu aos 3 de Agosto de 1949, — com 58 anos de idade, na casa n.º 59 da Rua Boaventura José Vieira, onde ultimamente vivia.

Ponte do Lima, 3 de Agosto de 1952.

A MINHA MÃE

MUITO gosto de ver o sol acalentando
Os lírios, que são urnas cheias de candura...
Muito gosto de ouvir a brisa perpassando
Num perpassar que deixa beijos de frescura ..

Muito gosto de ver o mar, quando, sereno,
Abraça, a soluçar, o peito dos rochedos...
Muito gosto de ouvir o comovido treno
Da guitarra que geme e conta os seus segredos...

Muito gosto de ver as loiras criancinhas
A rir... a rir... a rir... em gargalhadas francas...
Muito gosto de ouvir a voz das avezinhas
E o tímido bater de duas asas brancas...

Muito gosto de ver um ventre anunciando
A próxima chegada... o próximo advento
Dum ente concebido à luz dum sonho brando,
Dum sonho que traduz um grande sentimento...

Muito gosto de ouvir o coração da Terra
Pulsando, palpitando em vibrações de amor...
—Gigânteo coração que, dentro em si, encerra
Afectos que depois vicejarão em flor...

Muito gosto de ver a minha capa rota
A tremer... a tremer... quando lhe bate o vento...
Muito gosto de ouvir o fado que se esgota
Num murmúrio suave e débil de lamento...

... Mas gosto mais de ver, incomparavelmente,
O teu perfil de Santa, ó minha doce Mãe,
—Perfil celestial... modelo de quem sente...
Modelo de quem sabe amar como ninguém...

E a tudo o mais prefiro o som dos beijos teus,
Dos beijos que me deste e dás à Primavera,
—Esse anjo que te lembra Alguém que foi p'ra Deus...
Alguém que lá no Céu... no Céu Azul te espera!...

Por isso é que eu compus, em horas de amargor
E longe assim de ti, tais versos tão sem brilho,
Sem brilho para estranhos, sim, mas com valor
Para ti... para ti... por serem de teu Filho.

DEDICATÓRIA

AO meu amor, que tem olhos castanhos
E cabelos também da mesma cor,
Eis-me a doar-lhe os versos mais estranhos
De todos quantos fiz em seu louvor! . . .

Neles se fala em olhos cor do céu,
Cabelos de oiro e faces de luar,
Quando, afinal, o meu amor — só meu —
Tem outras cores em si a rebrilhar.

Mas que me importa que os seus olhos sejam
De cor diversa dos que assim cantei,
Se quem os souber ver, quantos os vejam,
Os hão-de dar também, como eu os dei?

Ver azul no castanho não é crime
E eu vi azul no seu olhar ideal,
Porque, desde que a amo, convenci-me
Que toda ela é celestial. . .

Santa em missão divina pela terra,
Ou deusa disfarçando-se em mulher,
A luz dos olhos seus rasga e descerra
Horizontes sem fim a quem quer ver.

Horizontes sem fim!... Eu até vejo
O céu a abrir-se ante os seus olhos claros
E perco-me de amor num longo beijo,
Beijando-a toda com requintes raros...

Perfil de encanto — o seu cabelo em pasta
Veste-a de graça, dá-lhe divindade,
E eu faço então, da sempre linda e casta,
A senhora da minha soledade.

Mas vede: o seu cabelo não é de oiro,
Não tem os fulvos tons do sol criador
E, no entanto, eu disse que era loiro,
Sem que mentisse, dando-lhe essa cor!

É ver de perto... O seu castanho escuro
Refulge tanto, tanto à luz solar
Que, só de ve-lo assim, logo figura
O sol nos seus cabelos a brilhar...

Então, chamo-lhe loiro, por ser essa
A cor habitual do sol fecundo,
E peço a Deus que nunca lhe embranqueça
As tranças mais formosas que há no mundo!..

O meu amor! Não vejo outra mulher
Que tal donaire e tais encantos tenha!...
Se um dia achar o verso que ma der,
Estou na graça de Deus, que a morte venha!..

Fosse eu pintor, que havia de pintá-la
Como quem pinta o rosto duma santa,
Para ficar eternamente a olhá-la
Naquele doce enlevo que me encanta!..

Nas suas lindas faces de morena,
Pintor—poria a palidez da lua,
Embora fosse grande a minha pena,
Por não ser essa, não, a cor mais sua.

Mas os meus versos falam brandamente
Na palidez dum rosto de luar,
Ou me mentiu a alma, ou então mente
A minha pobre vista, o meu olhar.

Ah! nem alma nem olhos me mentiram!
Se a cor morena é a sua cor real,
Houve outros olhos límpidos que a viram
Com o luar nas faces de vestal!...

É que na fronte estampa-se a bondade
Que nos anda na alma a palpitar
E o meu amor, a minha divindade,
Tem uma alma branca de luar.

Saiba-se, pois:—os versos que aí vão,
São para ela só, p'ra mais ninguém...
Na mudança das cores não há traição,
Há olhos de alma, vendo para além!...

ROSA DE AMOR

O nosso amor nasceu no mês de Maio,
Mês de canções nos lábios de coral...
O sol lançava ao mar o seu desmaio
E tu colhias rosas no quintal.

Fitámo-nos a medo, mas os olhos
Exprimiram-se bem nesse receio
E tu fugiste, torturando os molhos
Das pobres rosas contra o lindo seio.

Mas, ao fugires, tombou-te no caminho
A rosa mais bonita que cortaste
E eu então, chamando-te baixinho,
Pedi-te a rosa, . . . deste-ma e coraste.

Nunca mais me esqueceu esse momento
Em que te vi corar por minha causa! . . .
Lembro-me até que a própria voz do vento
Teve um minuto extático de pausa. . .

Depois... não sei que fiz, só sei dizer-te
Que fiquei preso à luz do teu olhar
E que guardei a rosa para ver-te
Num cálix de veludo a palpitar.

Mas ela, a pobrezinha, um certo dia,
Emurcheceu na taça de cristal,
Talvez sentindo a funda nostalgia
Das finas mãos da dona do quintal.

Morreu, cheia de mágoa, e, santamente,
Poisou a cabecinha no caixão,
Como quem vai dormir serenamente,
Para acalmar as dores do coração.

E lá se foi a rosa que me deste
E que eu beijei co'os lábios a tremer,
—Pobre rosa de amor que tu fizeste
Mensageira dum doce bem-querer.

Levou-a Deus atrás da graça astral
Daquela tarde lânguida de Maio,
Em que te vi sózinha no quintal,
Sob a bênção do sol que era um desmaio.

AMOR E SAUDADE

AMO-TE e nutro uma saudade imensa
Por não poder amar-te mais um pouco,
Mas a minha afeição é tão intensa
Que tal desejo é pretensão dum louco.

Olha que às vezes ponho-me a chorar
Por ver que já não pode mais crescer
Este afecto que sinto a batalhar
Dentro em meu peito e que me faz arder.

É que o meu coração, qual vaso cheio
Dum líquido amoroso assim ardente,
Já não pode conter—ai! não!—no seio
Quantidade maior, infelizmente...

E, que tristeza, visto que esperava
Vir a exceder as almas ideais
Dum Paulo ou dum Romeu e que contava
Amar-te como se adorou jamais!

Mas—sonho louco!—nivelei sòmente
O meu affecto pelos seus amores,
E não pude torná-lo mais fervente
Nem estes exceder nos seus ardores...

É que não pode o peito suportar
Além dum certo ponto mais amor,
Como não pode a rosa tolerar
As rajadas dum vento assolador!

Mas neste bem-estar do meu tormento,
Alegre vivo e triste e cismador,
Pensando na saudade que alimento
Por não ser maior inda o meu amor.

SEGUNDA-FEIRA MAIOR

LÁ vem o meu amor
De confessar ao padre confessor
O seu maior pecado de donzela...

História fácil de contar, singela,
E tão pequena como a boca dela!...

É que não sei se sabem
Que o meu amor, em certo dia santo,
Não foi à missa p'ra falar comigo...

Um pecadinho, enfim, cheio de encanto...
Calculo bem que culpas destas cabem
Dentro do corpo anão dum grão de trigo...

Pois, apesar de tudo, o meu amor
Foi confessar ao padre confessor
O seu maior pecado de donzela...

Vejam que graça, que inocência aquela,
Ir confessar ao padre confessor
A virtude maior de toda a gente!...

Que bela crença a tua, meu amor,
Só eu—pobre de mim—sempre descrente!...

QUINTA-FEIRA SANTA

QUAL novo Nazareno, eis-me subindo
A encosta do Calvário lentamente.
Vou alquebrado e lasso, mas seguindo
O meu caminho sempre para a frente.

Vou-o seguindo sempre e, mal o findo,
O meu amor, ao cimo da vertente,
Faz do seu corpo a minha cruz, abrindo
Os seus dois braços num abraço ardente.

Vejo-me então cingido ao santo lenho
E, exausto de fadiga como venho,
Na cruz do Amor descanso enamorado.

Sou Cristo dum Calvário encantador...
Tivera sido assim o do Senhor
Que foi por todos nós crucificado!...

SÁBADO DE ALELUIA

MEIO dia de Abril. O sol a pino
Abraça com volúpia a natureza...
Ouve-se rir, ao longe, a voz dum sino...
É mais alegre a gente portuguesa!

Ressuscitou o filho de Maria,
Abrem as rosas brancas nos rosais
E tudo canta e sente a aleluia
Que pulsa e freme em torno dos casais!

Há pelo azul aromas perturbantes,
Em cada boca rubra ardem desejos
E o meu amor — a de olhos hesitantes —
Pede carícias longas, pede beijos!

Ressurreição divina! Aleluia!
Soa mais alto o nome do Senhor!
— Ah! não ser eu o filho de Maria
E tu a mãe de Cristo, meu amor!...

PONTE DO LIMA

Sei lá pintar, sei lá dar uma cor!...

A poesia é o sentimento apenas,

Se eu soubesse pintar, era pintor!...

FAUSTO GUEDES TEIXEIRA.

Ó terra onde eu nasci, terra de encanto,

Cheia de graça, ó cheia de beleza,

Deixa afirmar, nas vozes do meu canto,

Que és a mais linda terra portuguesa!

Num desperdício tonto, delirante,

Lanças ao vento, em gesto esbanjador,

O teu colar dum verde palpitante,

Onde tressua em febre o mar da cor.

Raíinha da Beleza, eu te saúdo,

Eu te venero, ó deusa, em teu altar!...

E rezo-te em silêncio, rezo mudo,

Cerrando os lábios p'ra melhor rezar!

Trago-te sempre dentro do meu peito,
És senhora de mim, sou teu escravo . . .
Ah! quem me dera ter-te agora a jeito,
Para beijar-te toda, ó lindo cravo!

Teus lábios frescos, urnas de verdura —
Cantam a graça lúbrica das seivas . . .
Ó Virgem concebendo, ó semdre Pura,
São ventres sem pecado as tuas leivas!

A ramaria, em danças perturbantes,
Cinge-te a fronte, forma-te os cabelos . . .
Poetas, meus irmãos, almas errantes,
Que lindos os cabelos, vinde vê-los!

Mas não, oh! não venhais, que tenho zelos,
Quero ser eu sózinho, apenas eu,
Para, colando a face aos seus cabelos,
Dizer ao mundo: todo o mundo é meu! . . .

Feiticeira do Lima, ó terra santa,
Com casinhas caiadas de luar,
Tens o gentil donaire duma infanta
Num trono verde-luz a palpitar!

Teus olhos são de cor das esmeraldas,
Com cílios de rubins e de ametista
E em teu olhar, que luz entre grinaldas,
Eu perco, de encantado, a minha vista!

Por sob um céu de anil, onde refulge
O mais brilhante sol de Portugal,
O teu perfil de encanto avulta e surge
Nas naveas duma estranha catedral!

Mas, quando o sol, às horas do poente,
Converte em labareda os horizontes,
Transfiguras-te toda e, como a gente,
Soluças fundo no gemer das fontes!...

Despojadas das jóias e da túnica,
Que te cobria as formas fecundantes,
Lanças ao fogo, ó minha estranha, ó única,
Todas as cores que te esmaltavam dantes!

E lembras-me a tragédia de Sagunto,
És uma cortesã desguarnecida. . .
E do teu luxo — pálido defunto —
Já nada resta, disse adeus à vida!...

Então eu rezo, rezo de mansinho,
Não vá alguém ouvir a minha prece,
E, como a tarde cai devagarinho,
A minha reza em sombras transparece!

Mas, a meio da reza, ouço gemidos,
Quero fugir e vejo que estou preso. . .
São os coros da noite, indefenidos,
Envolvendo-me todo, enquanto rezol. . .

Noites da minha terra, ó noites belas,
Bordando a prata os campos de veludo!
Sinto na graça viva das estrelas
Uns olhos meigos, que p'ra mim são tudo! . . .

Noites de amor, ó noites resplendentes,
Como nem Dante viu, nem Beatriz!
Cantam p'ra mim as águas transparentes
Do rio mais formoso do país! . . .

Olhai-o: lá vai ele, vinde ouvi-lo,
Não perturbeis a paz do seu encanto!
Ah! como é manso e brando o seu estilo!
Deixai correr as lágrimas em pranto! . . .

São os versos sentidos de Bernardes,
Ressuscitando em suas rimas de água,
—Rimas crescendo em dor ao fim das tardes
E que, de noite, gemem com mais mágoa!

Talvez evoquem a jornada trágica,
 Cheia de choros fundos, represados,
 Em que tombámos nas areias de África
 «Vencidos não, mas de vencer cansados!...»

Bernardes, ó Poeta que cantaste
Ao som dos écos mágicos do Lima,
Nas suas águas doces engataste
Teu estro de oiro numa eterna rima!

Dorme o teu sono, o sono dos cansados,
Agasalha-te bem no Campo Santo,
Que «enquanto o sol der luz, verdura os prados,
Celebrado serás com triste pranto!...»

Letes da Lenda, ó Mago dos tropeiros,
Nas tuas margens doces foi talvez
Que uma patrícia, à sombra dos salgueiros,
Amou alguém pela primeira vez!

Banhas a terra linda que se enfeita
No teu espelho de cristal e prata,
Quando o vento, soprando, a desajeita
E as tranças dos cabelos lhes desata!

Terra do Lima, ó terra de esfolhadas,
Revê-te bem nas águas do teu rio,
P'ra agradares aos moços das malhadas,
Que estão cantando além ao desafio!

Olha aquele que canta o seu amor
Em mangas de camisa e pés gretados...
Sorri-lhe, assim, com gosto, abranda a dor
Desse leão humilde dos montados!

Agora volta a face, olha p'ra aquelas
Que vão encher à fonte os cantarinhos...
Diz-me se pode haver caras mais belas,
Calcando o pedregulho dos caminhos!

Mas deixa os campos, olha para as ruas
Da tua vilazinha enfeitiçada...
E que vês tu? Vês seios que são luas,
Luas de amor em carne enluarada!

Passou agora mesmo àquela esquina,
A tricaninha que eu amei um dia...
Como ia triste, coitadinha! A sina
Não protejeu seus lábios de judia!

Beijei-a quanto quis, mas, vai depois,
Cansado já de tantos beijos dar,
Assombrei-lhe os áureos arrebois,
Que ela sonhara à luz do meu olhar!

Que me perdoe! A culpa, se foi minha,
Foi também dela, sim, foi também sua,
Pois, escrava de mim, quis ser rainha,
Rindo-se, um dia, de vaidosa e crua!

Ó moreninha ardente a quem amei,
Desculpa a inconfidência da minha'alma,
Foi, sem querer, que agora recordei
Esta vitória de que tenho a palma!

Rememorei-a, podes crer, chorando,
Com muita pena desses dias ledos,
Em que teus lábios finos, tremulando,
Me confessavam íntimos segredos!

Ah! que segredos lindos! Só de ouvi-los,
Ficava preso à tua voz macia
E quedava-me, tonto, a traduzi-los
No teu olhar de fogo que sorria!...

Ó terra abençoada, onde escutei
Tanto segredo em tanta boca amada,
Conta-me os teus também, que os guardarei,
Como se fosses minha namorada!

Tu deves tê-los, com certeza os tens,
Senão que o diga a voz dos salgueirais,
Onde estrebucham almas em reféns,
Sofrendo as ironias dos pardais!

Oh! vamos! vai contando, vai contando,
Vai-me embalando nessa voz dormente,
P'ra que eu fique sempre recordando
A tua boca verde refulgente!

Oh! conta, vai contando!... que beleza!
Que segredos, meu Deus! meu Deus, que lindo!
Pudesse toda a gente portuguesa
Sentir na alma o que eu estou sentindo!...

Ó terra dos aromas a cantar
Nos jardins, nos pomares e nos relvados!
Os meus ouvidos perdem-se a escutar
O som dos teus aromas delicados!

Cheiras ao cravo e à rosa, ao rosmaninho,
Tens fragrâncias de olor nas laranjeiras...
E no teu seio, arfando ao sol do Minho,
Bailam essências mornas, preguiceiras.

Mas entre tanta essência, a Tradição
É talvez a mais doce de aspirar,
Porque palpita a alma do Torrão
Nas chamas do seu verbo secular!

Errática se evola da armadura,
Feita de pedra gasta e desbrunida,
Que corporiza a nobre arquitectura
Da tua ponte negra, envelhecida!...

Ó sonâmbula tonta que vagueias
Pela grandeza enorme do passado,
Em ti referve, à luz das luas-cheias,
Todo o fulgor dum sonho mutilado!

Bárbaras almas, vândalas, brutais,
Cortaram-te as ameias e os castelos,
Como se fossem—vê lá tu!—de mais
E tornassem teus arcos menos belos!

Mas, mesmo assim truncada, mutilada,
Ainda és um grande monumento,
Com tua cruz armorial alçada
Sobre o rio que passa num lamento!...

Ponte do Lima, ó terra minha amada,
Com lendas a boiar no azul do espaço,
Deixa encostar-me a fronte fatigada
Na curva sensual do teu regaço!

Quero dormir, sonhar... sonhar, dormir...
Dormir, sonhar com moiras encantadas,
A ver se vejo algumas a carpir
As suas ilusões enfeitiçadas!...

Jardim de encantamento, obra de preço,
Fulgor e riso em fontes de cristal,
És a mais linda terra que conheço
Em todo o meu soberbo Portugal!

Berço me foste, berço de ilusões,
Num lar humilde, cheio de nobreza,
Onde meus pais (que santos corações!)
Me educaram à moda portuguesa!

Berço me foste, tumba me serás,
E no teu lindo cemitério em flor
Hei-de dormir eternamente em paz,
Coberto pela graça do Senhor!..!

.....
.....
Pintores de Portugal, ajoelhai!
Isto é um milagre, não é cor nem tinta!..
Mas não pinteis, pintores! Orai, rezai!
Uma beleza destas não se pinta!..!

AMAVIOS DO LIMA

NAQUELA curva do rio
Falei hoje com Bernardes
Disfarçado em choupo esguio.

O vale tinha a doçura
Do suave fim das tardes
Nesta riba de luz pura.

Foi conversa passageira
Entre dois bons limianos
Nados na mesma ribeira.

O choupo movia os braços,
Velhinhos de muitos anos,
Em doce jeito de abraços.

Depois todo se agitou
Num rumor terno de ramos...
E, por fim, eis que falou.

Foram breves os momentos
Em que nós dois conversamos,
Como irmãos em sentimentos.

Diz-me ele então: «se, eu, agora,
«Pudesse trovar ainda,
«Trovaria como outrora.

«Para um velho trovador,
«Não há ribeira mais linda,
«Nem rio mais sedutor»...

Perguntei-lhe se encontrava
Mudanças no rio Lima,
Que, ao fundo, se espreguiçava,

Respondeu-me: «como dantes,
«A viva graça, que o anima,
«Faz poetas, faz amantes.

«Creio, até, que nunca o vi
«Tão formoso como o vejo
«E tu o vês, hoje, aqui.

«Que maravilha de rio!
«Que frescura a do seu beijo
«No chão do vale macio!...»

A noite vinha descendo
E o choupo, à luz do luar,
Foi-se encolhendo, encolhendo.

Tomou a forma singela
Dum coração a pulsar
No seio da noite bela.

Era a alma enfeitiçada
De Bernardes, a bater,
Ali, naquela ribada...

Ao fundo, o Lima corria
E, lira de água a tremer,
Os seus versos repetia.

Bernardes ressuscitava,
Por obra e graça do rio,
Que suas trovas cantava.

Eu, por detrás dum salgueiro,
Ébrio de tanto amavio,
Ouvia o velho tropeiro.

Assim me veio encontrar
A ninfa que, antigamente,
Vinha comigo noivar.

Beijei-a e ela beijou
O passado no presente
Do velho que eu, hoje, sou.

Tivesse eu a mocidade,
O frescor do rio Lima,
Que tem sempre a mesma idade!

Seria o rei, o senhor,
Das ninfas que, rio acima,
Erguem cascatas de amor...

NAQUELE BANCO. . .

NAQUELE banco de pedra,
Tão musgoso, tão antigo,
Ali à beira do rio,
Em chão onde a areia medra,
Já eu namorei contigo,
Noutro tempo, horas a fio.

Hoje, ainda os namorados
O procuram e lá ficam,
Como nós dantes sentados,
Só atentos ao rumor
Das ilusões que repicam
Festivamente de amor.

Amanhã, outros casais,
Novos pares de adolescentes,
Ali virão construir
Com quimeras refulgentes
Os seus castelos feudais
Na areia branca a luzir.

Havemos nós de morrer,
E aquele banco musgoso
Há-de ainda receber,
Em horas de sol doiradas,
O contributo amoroso
Das almas enamoradas.

É que, ali, tudo convida
A devaneios de amantes,
Desde a graça colorida
Dos matizes circundantes
Até à mansa corrida
Do Lima de águas cantantes.

Aquele banco velhinho,
Metido ali num cantinho,
A ver passar a corrente
Do rio murmurador,
Guarda em si, avaramente,
Muito segredo de amor.

Eu não sei se é banco ou ara
Duma velha divindade,
Sei apenas que ali pára,
Para amar, a mocidade,
Como nós já ali parámos,
Quando em novos nos amámos.

Ah! se eu pudesse voltar
Ao passado, ao tempo antigo,
Tornaria a namorar
Naquele banco contigo!
Mas assim... vamos embora,
Que senão o banco chora!...

BARQUINHO À VELA

BARQUINHO à vela singrando
Por sobre as águas do Lima,
Lentamente, rio acima,
Deslisando...
— Dentro dele, duas almas:
Eu e ela, sobre as calmas
Ondinhas do Lima brando.

Plácida-mente,
Nas águas, devagarinho,
Vai andando o meu barquinho
Sempre ao sabor da corrente...
— Ela canta, eu também canto,
Cantamos os dois o encanto
Da verde riba luzente.

A vela, toda orgulhosa
Do barquinho e do seu rio,
Quase em fio,
Mas ainda donairoza,
Fulge no ar como um astro
E até parece, no mastro,
Uma estrela radiosa!...

— Num barco assim já andaram
Por sobre as águas do Lima,
Lentamente, rio acima,
Os poetas que o cantaram...

Hoje ando eu . . .
Após mim, outros virão
Que, como eu, sentirão
A febre que os aqueceu,
— Febre de amor, paixão viva,
Eterna chama votiva
Que o Lima em nós acendeu!

Docemente,
Em chão de areia macia,
Onde a água rodopia
Pula o rio de contente...
Também pula o meu barquinho,
De mansinho,
Levemente.

Pula o barco, pula o rio —
E pula o meu coração,
Esse — dentro dum navio,
No mar alto da ilusão!...

Rio acima,
Eu e ela, deslumbrados
Com tanta luz, tanta cor,
Vamos sorvendo aos bocados,
Como quem sorve um licor,
Os magos filtros do Lima,
Os filtros do nosso amor...

Num alvar E os melros, entre a folhagem
A relva tem Dos salgueirais,
E, em vez Derramam sobre a paisagem
Eu vejo agora Lindas notas musicais,
— As mesmas que, pelas tardes
Em folhas límpidas, longas do estio,
A neve cai, Ouvia outrora Bernardes
Como poeira Enamorado do rio...
Que a terra vem sagrar, viva e lozana...

V
É tudo branco, é branco o mundo
Raiam na terra lírios e lírios
— A vida o verde, a vida o verde
Tudo o que vive, tudo o que vive
Pálidamente, as folhas verde-claras
Caindo por terra, num ruído
Como as brancas, límpidas, límpidas
Do grande mundo, do grande mundo
Em concertos de notas límpidas
Os lindos estírios, os lindos estírios
E sobre as carvalheiras alveoladas
Enxame-se, enxame-se a vida...

A NEVE

VAI tudo em neve pela terra fora,
É tudo branco além nos pinheirais
E todo o verde, enfim, se descolora
Sob a algidez nevada dos cristais!

Pàlidamente, as folhas vão caindo,
Caem por terra, num tremor gelado,
Como asas brancas, límpidas, fremindo
Num voo descendente, amargurado...

Em concertos de notas tiritantes,
Os tordos esfusiam arrepios
E sobre as carvalheiras alvejantes
Enastram-se, enovelam-se altos fios.

Num alvor suavíssimo de sedas,
A relva tem desmaios de brancura
E, em vez de pó nas pardas alamedas,
Eu vejo agora estrigas de candura.

Em folhas de camélia e penas de ave,
A neve cai, cai neve mansamente,
Como poeira mística e suave,
Que a terra vem sagrar, alva e luzente...

É tudo branco, é branca a Natureza...
Raíam na terra lírios esfolhados...
— A minha amada deve, com certeza,
Ter os seus pés de neve regelados!...

Alvas de espuma, as altas ramarias
Branquejam, acenando com lencinhos.
— São as tristes, românticas Marias
Do grande adeus das curvas dos caminhos...

Palmeirinhas em leques de luar
Baloçam os seus dedos de marfim...
Olhai-as: são patrícias a ensaiar
Inéditas carícias para mim...

Todas frementes, lânguidas, nervosas
Gelam-se as rosas bravas nos hortejos.
— Quanto me custa ver assim as rosas!...
Vai aquecê-las, meu amor, com beijos...

Sob os docéis fantásticos das árvores,
Alongam-se avenidas cintilantes,
E, faiscando ao sol, alvejam mármore
Em atitudes gregas, elegantes...

Sonho-me, então, perdido por Atenas,
Sou um poeta a mais da Grécia Antiga...
E vou cantando nardos e verbenas
E bendizendo o vinho e a loira espiga!...

Sou um poeta grego e deslumbrado
Com tantas colunas de alabastro,
Ergo o meu canto— ah! canto de encantado
Vendo que a terra fulge como um astro!

PAISAGEM

AO PRIMOROSO CONTISTA JÚLIO DE LEMOS

PAISAGEM triste! Ao longe as oliveiras
São monjas a cantar salmos aéreos
E mais lá para além as carvalheiras
São névoas verdes, são... fumos etéreos.

À direita levantam-se, tristonhos,
Os ciprestes — agulhas de verdura,
Tristes agulhas de coser os sonhos,
Os sonhos nebuloses da amargura!

À beira destes erguem-se, contritos,
Os pinheiros esguios, sonolentos...
— Anda o Silêncio a fecundar mil gritos,
Há pela terra ensaios de lamentos...

Os cravos encarnados, cor de sangue,
Falam de crimes, falam-nos de horrores
E um roseiral já sêco mostra, exangue,
A duração das rosas, — dos amores.

Lá muito ao longe uma casinha alveja
Por entre um verde-escuro salgueiral...
Linda casinha: — pomba que branqueja
Num mar de folhas, mar... feito pombal!

Perto de mim a relva amachucada
Tem um ar de tristeza indefinida,
Semelha-se a uma Alma que, pisada,
Tenha um desdém soberbo pela vida.

Paisagem triste! Os choupos falam baixo,
Dizem segredos trémulos à Terra...
— (Olhai o Sol agora já debaixo
Daquela nuvem que, febril, encerra!)

Um veio de água passa a murmurar
Por sobre os seixos — almas empedradas, —
Parece até que vai a soluçar
Por ver as algas tão estranguladas.

As borboletas cruzam-se nos ares,
Há sonhos de asa pelo Azul imenso . .
Os outeiros figuram-se-me altares,
Onde há fumos de Névoa, — estranho incenso.

E as noras, com tristeza, vão gemendo,
Gemem e tiram cá p'ra fora a Dor! . . .
A Dor! — água fecunda que estou vendo,
Água que rega as terras no calor! . . .

Bendita, pois, a Dor, a Dor da Terra
Que não pode, sem lágrimas, dar pão.
Bendito o Ventre que essa Dor encerra
— A Dor fremente da fecundação!

— E bendita por nós seja também
Toda a paisagem triste! . . .

Amen! Amen!

COIMBRA, 1912.

O NATAL E OS POBRES

QUE noite de Natal sombria e triste!
O vento geme, a Natureza chora...
Ai! quanta dor horrível não existe
Por essas terras, pelo mundo fora!

De quando em quando passam pobrezinhos
Arrepiados, magros, semi-nús...
Uns são rapazes, outros são velhinhos
Cheios de chagas, derramando pús!

Os seus andrajos falam da desgraça,
Que lhes oprime o peito amargurado,
São os arautos dessa dor que passa,
Dizendo apenas:— seja Deus louvado!

Sem lar, sem pão, cosendo-se às paredes,
Quais Sombras vivas numa Sombra morta,
Ei-los seguindo sempre, como vedes,
Ao som do vento que sibila e corta...

Irmãos da noite, escravos da miséria,
Jamais protestam contra a sorte ingrata;
Sonham apenas com a paz etérea
Do Céu azul — altar dum sol de prata.

Embora vejam nos salões faustosos
A luz brilhante, num deslumbramento,
Ai! nunca soltam gritos revoltosos,
Nem deles sai um único lamento!

Se eles, porém, não choram, chora o vento
E chora também muito a Natureza...
Ai! que Natal, meus Deus, ai! que tormento
Para quem sofre assim como a pobreza!...

ODE AO SOL

AO TARQUÍNIO VIEIRA

NOS seus arrancos épicos de luz,
O grande, o heróico Sol
Desdobra sobre a terra um límpido lençol...
E tudo brilha, e tudo fulge e tudo luz
À luz da sua luz!...

E mal o Sol desponta,
É muito mais alegre a Natureza toda,
Que fica alvorotada, quase tonta,
Ao celebrar com ele a sua boda ..

E desse matrimónio sacrossanto
Da Terra com o Sol
Surge bem cedo a maravilha, surge o encanto
De afectos que, depois, vicejarão em flor!...

Ah! como é belo, como é belo o Sol,
O grande, o luminoso criador!...

Sem ele tudo é triste,
Não existe

O lindo colorido da alegria
E parece que é noite quando é dia...

Mas, se ele brilha, então que entusiasmo!
Torna-se mais garrida a cor da Natureza
E tudo, tudo canta a glória de viver
Uma vida febril, estimulada, acesa
Como ela deve ser!...

Escrínio com rubis vermelhos como sangue,
Ou pétala de lume, ou forja numa ardência,
O Sol dá vida a tudo, vida à terra exangue
E alastra-se feliz na célica eminência!...

Ah! como é belo, como é belo o Sol
O grande, o luminoso criador!...

O mar, o mar audaz das ondas espumantes,
Tem efeitos de luz, aspectos deslumbrantes,
Quando o Sol cria e tece, em todo o seu fulgor,
A maravilha estranha, aurorial da cor!...

E as coisas, todas elas, ficam mais contentes,
Logo que do Sol recebem, venturosas,
Os beijos que o Sol dá,
— Beijos de luz, frementes,
Como assim não há...
E rubras de volúpia, quentes, ardorosas,
As coisas são felizes, sentem-se ditosas!

Por isso, eu amo o Sol e, se ele, ao recolher-se,
Deixa tintas de sangue as portas do Poente,
Eu fico-me a carpir o Sol que, ao desfazer-se,
Esgarça dolorido o seu perfil ardente!

Eu amo, eu amo o Sol, — o grande criador
Da maravilha estranha, aurorial da cor!...

AS FESTAS DA NATUREZA

AS folhas são quais bandeiras,
Tremendo, ledas, ao vento,
Que, lento, passa gemendo...
São frágeis, débeis bandeiras,
Que ao Vento juntam o vento
Das folhas tenras, tremendo...

Faz festas a Natureza,
Que encantam a toda a gente,
Há nelas graça e beleza,
Beleza e graça luzente.

As franças nos matagais
Formam coretos imensos,
Cheios de seiva e frescor,
E as aves, rubras de ardor,
Nesses palanques extensos
Cantam canções festivas...

A brisa nas ramarias
Ergue baladas de amor...
Que lindas as romarias
Do som, da luz e da côr...

Andam no campo às espigas
Entre perfumes silvestres,
Em brandas ondulações,
São ranchos de raparigas,
Bailando dansas campestres
Ao sôpro das virações...

Chegam as côr's em romagem
Pr'ás festas da Natureza...
Olhai que linda a paisagem,
Bebendo sol e beleza...

Por entre as gramas da relva
Os vagalumes, luzindo,
São tijelinhas acesas
E, cintilando, fulgindo,
São astros de oiro, sorrindo,
Lábios de luz nas devesas...

Nunca, decerto, se viram
Festas de tanta magia,
São festas onde espargiram
A luz, a côr, a harmonia...

Místicos choupos esguios,
De estolas verdes-escuras,
Dão ar de igreja aos choupais,
São sacerdotes sombrios
Rezando ao Deus das Alturas
As grandes missas campais...

Há preces, há devoções
Nas festas da Natureza,
E tudo são orações,
A's horas doces da reza...

Com os seus guiões de folhagem
Passam além, confrarias
Em procissões de verdura,
E o vento nas ramarias
Geme dolente e murmura
Benditas avé-marias...

Foi, certamente, na graça
Das festas da Natureza,
Que a alma da minha raça
Bebeu a côr, a beleza,

Que toda a gente bendiz
Nas festas do meu país,
Festas que são romarias,
Em vibrações de alegrias...

Bendita, pois, a beleza
Das festas da Natureza!...

O MAR DAS FOLHAS

O mar das folhas, bailando,
Quase sempre é sossegado,
Tem ondas de rolar brando,
E' raro ver-se agitado.

Se o vento, ás vezes, qual louco
Fustiga as ondas, sem alma,
Ruge o mar, mas, dentro em pouco,
As folhas voltam á calma.

Quando a chuva, a tremular,
Cai do céu e beija a terra,
Diz o pastor lá da serra:
— Olhai a chuva a molhar
O mar das folhas, — um mar!

E' verde e róla, mansinho,
O mar das folhas, bailando...
Ai! róla, róla, brandinho,
Tem ondas mansas, rolando!...

Quando ás formigas é dado
Subir ás folhas amigas,
Eis logo o mar transformado
Em palanquim de formigas!

E dizem elas, saltando :
— Mar das folhas, não te queixes,
Bem vês, nós somos os peixes
Do teu mar manso, ó mar brando!

O mar das folhas, bailando,
Dansa, dança, não descansa,
E, de andar sempre dansando,
Ficou-lhe o geito da dança!...

Quando as rôlas fazem ninhos
Nos galhos dos arvoredos,
Pensam logo os passarinhos
Que os galhos são os rochedos
Desse mar, — do mar dos ninhos!

Tem ondas brandas, suaves,
O mar das folhas, bailando,
E tem sereias: — as aves,
Sempre cantando, cantando!

... E dança e róla, a fitar
O mar imenso da luz,
— Água do céu a brilhar...

E não cessa de rolar,
Dança e róla sem cansar!...

E lá vai, lá vai rolando
O mar das folhas, — mar brando —

ASPIRAÇÃO

FAZER-TE santa, pôr-te num altar
'A adoração de toda a cristandade
E ir eu também, como devoto, orar
'A tua doce e linda santidade...

Fundar-te um reino, ver-te enfim reinar,
Cercada de grandeza e majestade,
E, como teu vassalo, ir-te beijar
A mão de régia e fina claridade. .

Tornar-te, assim, amor, santa ou rainha
Mas por forma que, sendo todos teus,
Continuasses sempre a ser só minha...

Levar-te ao céu numa ascensão suprema
E amar-te lá, depois, junto de Deus,
Ah! quão melhor que erguer-te num poema!...

PASTOR DE OVELHAS

PASTOR de ovelhas me sonhei um dia
Nos montes da ribeira limiana,
— Rebanho tão formoso não havia
Em qualquer outra serra lusitana.

Manhã cedinho, mal o sol nascia,
Já eu deixava o colmo da cabana
E a minha vida, a vida que eu fazia,
Era um poema de ternura humana.

Ovelhinhas guardando e sempre vendo
Lá do alto da serra o vale em flor,
Eu era quase santo, não o sendo!

Tinha zagala e cão, mundos de amor...
— Mas agora (ai de mim!) não compreendo
Porque Deus me não fez também pastor!...

MAR DE ENCANTO...

ANDAM meus olhos pálidos vogando
No mar de encanto do teu lindo olhar
E, quanto mais meus olhos vão singrando,
Mais eu me prendo ás ondas desse mar...

Nelas me prendo e sinto-as enleando
Meu coração nervoso a palpitar,
Que, mansamente, afaga, doce e brando,
Teus olhos meigos, roxos de chorar...

E, na tortura doce deste enleio,
Sou um marujo desse mar estranho,
Onde navego em louco devaneio...

E marujo e poeta eis-me a cantar
Por sobre as águas desse mar castanho,
Profundamente lindo em teu olhar!...

AMOR - PERFEITO

VOU p'ra cantar-te e chego a cinzelar
A curva caprichosa dum terceto,
Que, como os tons macios do luar,
Macia se desdobra num afecto...

Depois, passo na rima a estilizar
O mármore impecável e correcto
Da tua carne moça, a palpitar
Por sob as ondas do vestido preto...

Mas chego a meio, paro — e pára então,
De me bater o coração no peito,
De me bater no peito o coração...

Hesita a lira; o som rola... imperfeito.
— És de alma e corpo a luz da perfeição,
Não sei cantar-te, ó meu amor-perfeito!...

GRAÇA DIVINA

QUEM traz o céu nos olhos a brilhar,
Como ela o traz no azul dos olhos seus,
Há-de por certo ouvir, há-de escutar,
O que lhe diz *lá dentro* a voz de Deus...

Deve dizer-lhe coisas de encantar,
Coisas que busca em vão nos versos meus,
Quando pretende neles encontrar
A luz que fulge para além dos céus...

Divino eu fosse, que também daria
Graça divina àquilo que dissesse
'A senhora da minha simpatia...

Mas, assim, a palavra empalidece
E de tudo o que sinto e que diria
Ouvem-se apenas trémulos de precel...

EXÓTICA

A SEU TRINHO MENDES CARNEIRO

DE lenço branco e saia azul celeste,
Chambre encarnado e aventalzinho preto,
Assim vestida foi que tu lhe deste
A prova mais cabal do teu affecto.

Foi mesmo assim trajada, ente dilecto,
Que, nas mãos dele, as tuas mãos puseste
E que, alteando o teu perfil erecto,
Em frases de ternura lhe disseste:

Sinto por ti, palhaço, o que sentia
Certa duquesa por um monstro horrendo,
Enquanto que ele fora charlatão;

Por isso vem comigo, é hoje o dia
De te mostrar que só de ti dependo,
Dando-te um beijo quente de efusão.

SONETO

VOCÊNCIA foi dizer que não gostava
De conversar comigo, porque via
Que, de todas as vezes que eu falava,
Dos lábios meus só troças despedia.

E pode crer que nunca se enganava,
Expondo essa verdade que sentia,
Pois, se quer que lhe diga, eu só gozava,
Se dalguma pessoa escarnecia.

Hoje, porém, senhora, estou mudado,
Já puz de parte o gênio zombeteiro
Que amava dantes e que agora odeio.

Para me ser de todo transformado
Num requestado e fino açucareiro
Cheio de açúcar... marca-galanteio.

BELA

A MEU PRIMO MENDES CARNEIRO

TINHA o «salero» de uma aragonesa,
Um olhar feiticeiro, encantador,
O porte aristocrata de princesa
E o suave perfume duma flor!

Helena, a grega, de gentil beleza,
Se vivesse, perdia o seu fulgor,
Pois pouco brilho tinha, com certeza,
Posta com ela a par, pouco valor!

Mas, se esses dotes são apreciáveis
Pela sua harmonia singular,
Mais outros há, que são indispensáveis.

Ela, porém, não tinha mais encantos!
Era qual pomba sem saber voar!...
Era avezinha sem saber seus cantos!

DOENTE

SINTO-ME triste, meu amor!... Tem pena
De mim, que sou um grande torturado!...
Pousa na minha a tua mão serena,
Fala de amor a este desgraçado!...

Abre-me o peito!... Torna mais pequena
A minha dor, que é todo o meu passado
E, com teus gestos alvos de assucena,
Rasga clarões ao meu olhar magoado!

Vê que doença a minha! Sou um triste
E nem ao menos sei vencer a dor,
A que o meu coração já mal resiste!

Só tu, só tu, que és todo o meu ardor
E que tão doce e linda me surgiste,
Podes curar-me um dia, ó meu amor!...

OS RIOS

OS rios são poetas a cantar!...
Ah! cantam, cantam sempre, são tropeiros,
Que vão passando a vida a namorar
As folhas predilectas dos salgueiros!

Correndo lentamente para o mar,
Não cessam de compor versos fagueiros,
E lá vão, lá vão eles a soltar
Murmúrios, — versos de água feiticeiros!

E que versos tão lindos! Só de ouvi-los,
Dá-me vontade até de repeti-los,
Tais como são, baixinho, mansamente...

E fico-me a escutar, horas perdidas,
As suas rimas líquidas, sentidas,
Que falam de saudades, vagamente...

ACONSELHANDO . . .

TEOFRASTO, sublime pensador,
Chamou á formosura engano mudo,
Por isso tu escusas, meu amor,
De fazer dela o teu potente escudo;

Pois, tendo eu pensado no valor
Dessa frase de consciente estudo,
Já não é o teu rosto sedutor
Que crava em mim o seu punhal agudo.

E põe de parte também a vanglória
Que te costuma sempre acompanhar,
Porque a beleza, graça transitória,

Também tem — diz Vieira — os seus tiranos
Que a fazem, com rudeza, desbotar,
Á medida que vão passando os anos.

TORMENTO

SINTO um desejo enorme, insatisfeito,
De amar alguém, de ter um grande amor,
E a esta ideia o coração no peito
Como que bate, incerto, de pavor!

Vai-me na alma um temporal desfeito...
Amar é o meu desejo e sinto a dor
De ter perdido aquele amor perfeito
Que foi outrora todo o meu ardor!

Se esta me dá seus beijos cor de rosa,
Aquela dá-me o seu deslumbramento
E est'outra a sua graça melindrosa . .

Mas não me dá nenhuma o sentimento
Por que suspira a minha alma ansiosa.
— E é esse, é esse o meu maior tormento! . . .

SONETO

TU és a nota mais harmoniosa
Da sinfonia etérea da beleza...
Tens a doçura, perfumada rosa,
Dos rouxinóis que cantam na devesa.

A mão do Artista deu-te, caprichosa,
Da tímida gazela a gentileza,
Compondo assim a graça donairosa
Desse teu corpo — cofre de esbelteza.

Estou bem certo de que Radagásio,
Cedendo ao teu poder de sedução,
Suspenderia as asas de condor,

Pois tu, mulher, serias o ginásio,
Onde ele ensaiaria o coração
A fazer exercícios só de amor.

HORAS

F OGEM as horas, fogem velozmente,
Com receio de andar devagarinho,
E todas elas rolam febrilmente,
Deixando o pó do tempo no caminho.

É que elas são assim. Não pode a gente
Sustê-las nem que seja de mansinho,
De sorte que nos largam, de repente,
Sem para nós olharem com carinho.

Mas olha, se elas fogem, vai com elas
Também muita tristeza de momento,
Chorada à luz amarga das estrelas...

Por isso deixa-as ir, leve-as o vento,
Que nós os dois, sentindo assim corrê-las,
Havemos de as prender no pensamento.

AGONIA DA TARDE

A tarde agonizava e o Sol descia
Tão pálido e tão triste sobre o mar
Que, de tanto descer, até parecia
Que o pobre ia esconder-se p'ra chorar!

Lua de gelo, — a minha dor subia
E o vento era uma alma a soluçar.
Subia a minha dor e o Sol partia
Com vontade de nunca mais voltar!

Uma violeta vi, toda a tremer,
Fazendo um grande esforço para ir
Dizer adeus ao Sol, sempre a descer...

As rosas começavam a dormir
E a tarde era uma boca de mulher,
Cansada, fatigada de sorrir!...

PAISAGEM NUPCIAL

TRAGO, Senhor, meus olhos enlevados
Nesta paisagem fresca, sensual,
— A mais linda, talvez, p'ra namorados,
Que há debaixo do céu de Portugal!

Sinto no azul o aroma dos noivados
Como se o ar florisse em laranjal,
E visiono corpos enlaçados
Na terra armada em leito conjugal...

Olho encantado os píncaros dos montes
Que, de serem redondos como seios,
Dão um ar de lascívia aos horizontes!

Mergulho em longos, loucos devaneios...
Vejo confeitos de cristal nas fontes
E o Lima, ao fundo, em lúbricos coleios!...

CIPRESTES

O primeiro cipreste que nasceu,
Era um ser débil, frágil e doente,
Que em toda a sua vida padeceu,
Como se fosse animalzinho ou gente...

Um belo dia o sol, vendo-o do ceu,
Bordou-lhe uma mortalha auriluzente
E, assim amortalhado, é que morreu
O pobre do cipreste, alma dolente...

Nunca mais, desde então, houve alegrias
Nos filhos que deixou, pelos caminhos,
Em atitudes trágicas, sombrias...

Talvez por isso é que, hoje, os pobrezinhos
Se erguem sobre o pó das campas frias,
Esguios e agudos, como espinhos!...

POENTE MATINAL

VAI o sol a caminho do poente,
Já começa no vale a entardecer,
Mas a tarde, caindo alegremente,
Dá-me a impressão dum lindo amanhecer...

Sorri toda a ribeira de contente,
Como se fosse agora o alvorecer...
A luz é de oiro fino, o sol é quente,
Ninguém dirá que vai escurecer...

Há tanta cor no céu que até parece
Estar nascendo o dia, e a tarde tece
Com fios vesperais uma alvorada...

Sobem canções no azul, canções de amor,
E a graça festival deste sol-por
Lembra uma argêntea e doce madrugada!...

LUAR DE AGOSTO

NO areal extenso bate a lua em cheio
E a velha, a secular ponte de pedra, à hora
Em que o luar é leite e a lua branca um seio,
Tem a concentração beata de quem ora!

Ao fundo o claro Lima, preso em doce enleio,
Emocionado, canta; se não canta, chora,
Tange que tange as cordas finas do seu veio,
Alucinado e belo pela areia fora!...

São gaivotas, dormindo, as alvas ermidinhas,
Escorrem das vertentes pingos de luar
E as casas velhas surgem muito caiadinhas...

O verde de esmeralda toma um tom lunar,
Ergue no azul a brisa mornas ladaínhas
E eu sinto uma vontade enorme de rezar!...

SONHO PAGÃO

I

ALVÍSSIMO o luar bate-lhe em rosto,
Dando-lhe à frente uma expressão estranha...
É que o luar santíssimo de Agosto
Diviniza-lhe os traços quando a banha!

Diviniza-lhe os traços e ela ganha
As proporções dum sonho do meu gosto...
E, branca como um lenço de bretanha,
Apoia-se ao meu braço em doce encosto.

De braço dado, então, eis-me com ela,
Como quem tem ao lado a sua estrela,
Como quem rasga o Céu de par em par!...

Mas depois, quando vou p'ra dar-lhe um beijo,
(Vede que sonho meu!) já não a vejo,
Ah! não a vejo, não; vejo o luar!...

II

VEJO o luar apenas e, cantando,
 Corro por entre os ramos da alameda...
 Talvez que em me sentindo, em me escutando,
 Ela me busque, a rir, com pés de seda.

Sonâmbulo de amor, na noite errando,
 Calco por fim a última vereda...
 Porém, só vejo a minha amada, quando
 O Sol desponta numa labareda.

Por isso é que de novo a tenho agora,
 Apoiada ao meu braço, como à hora
 Em que a supus de mármore fremente...

Confundi-se talvez com o luar
 E só quando o luar se foi deitar
 É que eu a pude ver ao sol nascente!

CASAL DE ROLAS

III

OLHA se pude vê-la ! Até parece
Que não tornei a vê-la como então !
Olhos da cor do Céu, lábios em prece
E um grande, um sugestivo coração !...

Como rainha astral que se rendesse
A algum escravo seu por afeição,
Assim ela também, loira de messe,
Me fez senhor da sua devoção !

Então beijei-a toda e, mansamente,
Disse-lhe uns versos tristes que fizera
A certa hora triste do poente...

Depois... Abraçadinhos como a hera,
Sobre a luz triunfal dum Sol nascente
Erguemos bem ao alto uma quimera !...

IV

ORA deu-se isto, quando a Terra inteira
Ouvia o Padre Sol cantar matinas...
Era a manhã soberba e feiticeira,
Ardia incenso de oiro nas colinas.

Perto de nós, nos ecos da ribeira,
Rezavam bocas de água pequeninas...
E a linda Santa, minha Padroeira,
Erguia a Deus também as mãos divinas.

Tudo rezava em torno e, vai então,
O Padre Sol benzendo-nos aos dois,
Deu-nos a Hóstia de oiro em comunhão...

Fulgia o Céu na cor dos arrebois
E, sob a luz da mesma sagração,
Cedros viris surgiam como heróis!...

O QUILIBRO DO CASAL DE ROLAS

NÓS éramos os dois à sombra dos salgueiros...
E o Lima, a nossos pés, o grão cantor divino,
Cantava o nosso amor, em versos feiçiceiros,
Na sua voz festiva e doce de menino.

Ali, só nós os dois (quem sabe se os primeiros!)
E os nossos corações batiam como o sino
Da capelinha branca, ao longe, entre pinheiros,
Onde me fez cristão, o padre, em pequenino.

No azul do céu brilha o sol de Junho ardente
E da terra subia um hálito de rosas,
Que perfumava o espaço e penetrava a gente...

Os montes desenhavam curvas donairosas
E nós os dois no meio da paisagem quente
Éramos um casal de rolas amorosas!

FESTA DE AMOR

ABRIR o peito, abri-lo à dor alheia
Como quem abre os braços p'ra abraçar;
Trazer a alma sempre fresca e cheia
De estrelas e de rosas para dar...

Sentir que a dor dos outros nos enleia
E nos perturba a fala e faz chorar,
Correr uma existência atrás da ideia
De transformar as pedras em luar...

Ouvir, enfim, bater o coração
E sentir e notar que a vida é bela,
Quando se sabe ser honesto e bom...

Eis a coisa mais linda e mais singela,
Que a festa de hoje prova na emoção
Do sentimento que eu vos dou por ela!...

O QUE MORREU DE AMOR...

À MEMÓRIA DE ANTÓNIO FEIJÓ

VEIO a Morte e levou-lhe a doce companheira,
— Aquela delicada e pálida Senhora,
Que a alma do Poeta ergueu, como a primeira
De todas as mulher's, que viu p'la vida fora...

Meio desfeito o lar, sofreu de tal maneira,
Tão ceguinho ficou, extinta a sua aurora,
Que a dor, num longo abraço audaz de trepadeira,
Prendeu-o à sugestão daquela negra hora!...

Sofreu muito, chorou, chorou convulsamente
E a vida foi-lhe então um torvo, um triste horror,
— Sem Ela, sem a ter sorrindo à sua frente...

E de tanto se dar à prática da dor
E afeiçoar-se tanto àquela angústia ingente,
Foi de Poeta a Santo e, ao fim, morreu de amor!...

O REGRESSO DO ROUXINOL

À CHEGADA DO FÉRETRO DE ANTÓNIO FEIJÓ

MOÇO e poeta foi-se... E o Lima, entristecido,
Contou nos salgueirais um rouxinol a menos,
Mas lá de longe vinha o eco enternecido
Do rouxinol ausente a desferir seus trênos...

Cruzando estranhos céus em voo dolorido,
Nunca pôde esquecer os páramos serenos,
Onde o seu coração cantara, embevecido,
Por entre sinceirais de verdes tons morenos...

Os outros rouxinóis, chorando a sua ausência,
Espalharam no azul amargas sinfonias,
Que o vento instrumentou num órgão de plangência!...

Depois... o rouxinol gelou em terras frias
E a Morte trá-lo agora ao colo, com clemência,
Para o rosal em flor dos seus primeiros dias!...

NO MONTE DA LENA

(ÚLTIMA POESIA)

NUNCA a vi senão triste... O seu olhar
Era um Outubro em sol esmorecente,
E a sua linda fala, o seu falar
Lembrava o eco duma voz ausente!...

Era o seu rosto — eu quero-o recordar —
Da cor das rosas brancas ao poente,
E a sua boca, feita p'ra chorar,
Cantando, dava ao choro um som diferente.

Seu brando coração era um jardim
Cheio de rosas, a cair de sono,
Que ela embalava, só pensando em mim!...

Tinha o ar duma orquídea ao abandono,
Um ar de lenda . . . Ora quem era assim
Certo que tinha de morrer no Outono.

NO MONTE DA MADALENA

(ÚLTIMA POESIA)

VIM hoje ao Monte e pus-me a contemplar
A maravilha da paisagem límica
Com seu lendário rio a deslizar
Por entre várzeas de frescura idílica...

Vi serras azulinas a cismar,
O donaire do vale e a graça lírica
Da doce verde vila até ao mar,
Como num quadro de beleza bíblica...

Senti o sol fulgindo de contente
Por repousar em terra tão amena,
Feita berço de luz resplandecente...

Ouvi ao longe os ecos duma avena
E trovas de pastora adolescente...
Mas não parou o tempo — e tive pena.

NO MONTE ÍNDICE DA LENA

(ÚLTIMA POESIA)

Teófilo Carneiro 5	Soneto 66
A minha Mãe 7	Bela 67
Dedicatória 9	Doente 68
Rosa de Amor 13	Os Rios 69
Amor e Saudade 15	Aconselhando 70
Segunda-feira Maior 17	Tormento 71
Quinta-feira Santa 18	Soneto 72
Sábado de Aleluia 19	Horas 73
Ponte do Lima 20	Agonia da tarde 74
Amavios do Lima 31	Paisagem nupcial 75
Naquele Banco 35	Ciprestes 76
Barquinho á vela 38	Poente matinal 77
A Neve 42	Luar de Agosto 78
Paisagem 45	Sonho Pagão I 79
O Natal e os pobres 48	II 80
Ode ao Sol 50	III 81
As festas da natureza 53	IV 82
O mar das folhas 57	Casal de rolas 83
Aspiração 60	Festa de amor 84
Pastor de ovelhas 61	O que morreu de Amor... 85
Mar de encanto 62	O regresso do rouxinol 86
Amor-Perfeito 63	Outonal 87
Graça Divina 64	No monte da Madalena 88
Exótica 65	

TIPOGRAFIA AVELINO GUIMARÃES

PONTE DO LIMA

AOS 3 DE AGOSTO DE 1952

